

EM QUESTÃO / A legalização das drogas

QUE FAZER?

TALVEZ seja completamente perturbadora a idéia de se assistir, no Brasil, adolescentes entrando em lojas especializadas e pedindo, sem nada temer, uma trouxa de maconha ou algumas gramas de cocaína. Isto aconteceria se todas as drogas fossem legalizadas. Por enquanto, o Brasil nada tem a temer quanto a isso. A legalização das drogas não chegou a ser discutida no plenário da Constituinte, embora a realidade mostre todos os dias que não se trata de um problema menor. Mesmo sem discussão, a droga não deixa de circular nas veias da sociedade brasileira. O exemplo mais conhecido é o de Naldo na Rocinha, que espantou o Rio inteiro. Diferente dos bandidos dos anos 60, que assassinavam pobres comerciantes dos subúrbios, atrás de Naldo há milhares de dólares, e à sua volta cocaína e fregueses desejosos de adquiri-la. Que fazer com esta crua realidade?

A idéia que se tem, no momento, é a de que basta reprimir traficantes e viciados para que com longo prazo tudo dê certo. O certo, porém, é que esta prática não conseguiu

evitar que as pessoas consumam maconha e cocaína, como a proibição do jogo não acabou com os jogadores.

Quem tem dinheiro pode ir arriscar suas fichas nos panos verdes de Atlantic City. Para quem não tem, bastam a Sena, a Loto e a Loteria Esportiva.

Pode até ser que a lei atual seja boa e a droga má; e assim, que seja suficiente proibi-la. Mas esta visão pode também estar paralisando uma discussão mais profunda sobre algo que atinge milhares de pessoas. Inclusive gente da cúpula da sociedade, como o ministro da Fazenda, Malison da Nóbrega, cujo filho foi preso como portador de maconha. A postura de avestruz, que esconde a cabeça quando se sente em perigo, torna as drogas pouco problemáticas (o país tem questões graves, a fome, a inflação, a distribuição da renda) e de pouco rendimento político.

Os americanos, ao contrário, deram a volta por cima e resolveram enfrentar algo que os angustia (para 16% de sua população o problema número um do país são as dro-

gas). Mesmo para uma sociedade que sempre prezou os direitos civis, abrir o debate sobre a legalização das drogas parecia insano, ou no mínimo impensável. Mas havia números que, para uma sociedade criada no pragmatismo, tornavam razoável perguntar se a atual política contra as drogas está dando certo ou não.

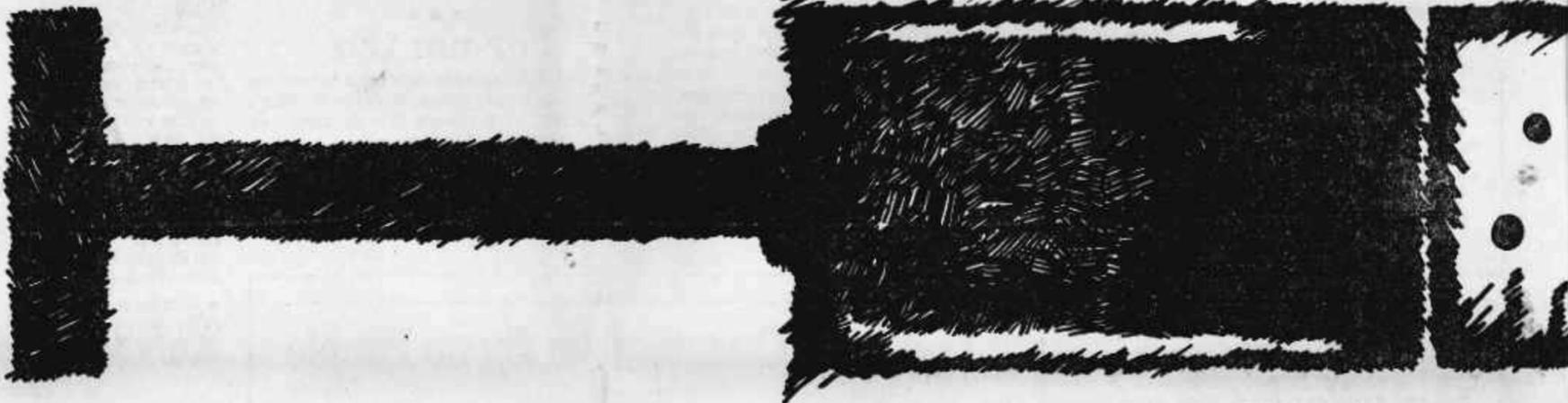
Encontraram-se, então, inúmeras pessoas dispostas a manifestar sua insatisfação com os resultados até agora obtidos. Os EUA gastam cerca de 8 bilhões de dólares anuais para reprimir as drogas, e elas não somem. O problema principal segundo alguns especialistas, é a proibição. Um economista favorável ao livre mercado, o prêmio Nobel Milton Friedman, já fez a sua escolha. "Se existe uma epidemia de crack é porque a droga é ilegal", disse ele, apostando na liberação. Os americanos têm a experiência da Lei Seca, que proibiu a venda de álcool nos anos 20, um período no qual se bebeu como nunca, além de gerar gangsters como Al Capone. A ilegalidade das drogas cria para o Estados Unidos complicados quiproquos com outros países, como

ocorreu recentemente no caso de Manuel Antonio Noriega, do Panamá, considerado um traficante que não suborna só policiais. Ele tem o poder de um Estado.

O sonho americano de legalização das drogas passa pela inexistência de carros-bombas explodindo nas esquinas, tiroteios nas ruas e o fim do suborno de policiais e autoridades. A idéia mais positiva, neste caso, é a de que os atuais barões da droga seriam tão bem reconhecidos socialmente como é o presidente da Philip Morris, a grande empresa de cigarros. Em vez de viverem escondidos, dirigiriam seus aviões e chegaram às reuniões sociais em seus luxuosos automóveis, como hoje acontece a qualquer empresário do ramo das bebidas e do tabaco — drogas socialmente aceitas. Tudo apareceria de forma transparente. Problemas: como evitar que as pessoas sejam persuadidas a não se iniciarem em alucinógenos. As leves. Porque o caminho leva às drogas pesadas, como a cocaína, a heroína e o crack.

Um modelo de política considerado bem-sucedido é o da Holanda, que resolveu não se preocupar com

as chamadas "drogas leves" a maconha e o haxixe. Em vez de aumentar, o consumo acabou caindo. Mesmo as "pesadas" deixaram de ter charme. Em 1981, os 14% de dependentes de heroína tinham abaixo de 22 anos; hoje esta porcentagem é de 4,8%. Os jovens — a clientela mais influenciável — aos poucos foram "entrando em outra". Muitas pessoas consideram que a legalização das drogas traria, mediante a arrecadação de impostos, mais dinheiro para o Estado, que poderia assim destinar mais verbas para educação e mesmo para o tratamento dos viciados. Problema: com a legalização, o número de dependentes poderia aumentar; o ciclo vicioso se alargaria, de forma que, mesmo recebendo mais dinheiro, os cofres públicos não teriam como prestar melhor ajuda aos dependentes. Outro problema é de natureza ética. Com a total legalização das drogas, o país poderia transformar-se numa "sociedade de zumbis". A China, nos tempos do ópio, experimentou algo assim. Mas, sejam quais forem as consequências, o problema cada dia se torna menos admiável.



Apesar de dramático para a juventude, inclusive a brasileira, o problema das drogas não

HÁ até quem, como o jovem Roberto D'Ávila, não a considere prioritária. O seu colega de geração e Constituinte, Aécio Neves, o Aecinho, acha que o ideal seria acabar de vez com todo e qualquer consumo de drogas. Como isso não é possível, a solução seria a repressão. Um dos poucos a tratar do assunto seriamente em forma de proposta — ainda que polêmica — o deputado José Genoíno, foi chamado de louco pela direita e pela esquerda. Abaixo, algumas opiniões.

Carlos Minc

(deputado estadual PV/RJ)

O aumento no consumo de drogas é reflexo de que algo ocorre numa sociedade, como uma espécie de termômetro para o desespero, o ceticismo, o fim do sonho. Nem todo mundo fica correndo atrás do pó, mas há efeitos perniciosos: muito colegial morre por causa disso. Discutir essa questão burocraticamente é reduzi-la ao estudo dos meios mais adequados para combater as drogas. Essa é a vertente moral. A droga, o jogo, o sexo devem ser combatidos porque

são pecados. E pecado é pecado.

Há uma outra corrente que defende a liberação da droga pesada com controle, incluindo conservadores e cucas abertas. Um economista insuspeito como Paul Samuelson, prêmio Nobel, fez uma análise ascética, quantitativa, mostrando o desperdício de recursos empregados na repressão, e o pouco retorno social dessa operação. Essa análise tem que ser levada a sério. Samuelson mostra que se a economia da droga pagasse impostos, tivesse controle de qualidade etc, o quadro seria outro. A posição do PV é conhecida: atacar as questões de fundo. A polícia hoje é um anel fundamental no tráfico: ela



Aécio Neves

ataca o verde (maconha) ou o branco (cocaína) para regular o preço da droga. Um garoto de 16 anos que é preso fumando um baseado vai ser jogado na cadeia, ser violado, iniciado definitivamente no crime. Veja: se as tentativas de suicídio não são punidas, não se pode punir quem se destrói com drogas. Deve-se ajudá-lo. Se a análise de Samuelson estiver certa, eu assino embaixo.

Aécio Neves

(PMDB-MG), 28 anos

Nunca usei, não sou especialista nem médico para dizer se a maconha é tão nociva como as outras drogas. Mas sou contra a liberalização. O ideal seria acabar de vez com todo e qualquer consumo de drogas, mas como isso não é possível, que pelo menos se intensifique a repressão, através da Polícia Federal e até do Exército, aos grandes traficantes e plantadores. É iníquo combater os pequenos traficantes da cidade, é preciso direcionar a luta contra as origens da droga.

Alceni Guerra

(PFL/PR), 42 anos



Alceni Guerra

Com relação às drogas pesadas sempre fui dogmático. Quanto à maconha, não tinha embasamento para condená-la. Tinha mesmo receio de ser contra ela por conservadorismo. Até que outro dia, refletindo sobre isso, constatei que todos os meus colegas da turma de 72 da Universidade Federal do Paraná que puxavam um fuminho quebraram a cara na vida, apesar de serem pessoas inteligentes. Estão todos em situação difícil, inadaptados, cheios de conflitos existenciais, profissionais, econômicos. Alguns têm passagens pela polícia. Antes, eu era condescendente com a maconha. Minha turma me fez pensar diferente.

José Elias Murad

(PTB/MG), 61 anos, médico, químico, professor de farmacologia.

Logo no início dos trabalhos do segundo turno da Constituinte, o deputado fará um pronunciamento intitulado "A quem interessa a liberação das drogas". Um resumo de sua tese:

A tentativa de liberação das drogas esconde, na verdade, interesses comerciais escusos e inconfessáveis das multinacionais do tabaco que pretendem, através da diversificação de sua linha de produção compensar a queda nos lucros provocada por campanhas contra o cigarro no mundo inteiro. Uma dessas multinacionais teria requerido ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) certos nomes para futuros cigarros de maconha, entre eles o nome de Baseado. É curioso, diz, que as primeiras notícias da possível liberação apareçam em órgãos da imprensa internacional ligados aos negócios comerciais e industriais, como The Economist e The Financial Times, que sofrem direta ou indiretamente a influência das